

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

A experiência de Angicos III

Criança aprendeu a ler e a ensinar o pai camponês

Texto de Luiz G. Cortez Gomes

Quando a experiência de Angicos foi realizada, o Rio Grande do Norte detinha uma taxa de escolarização de 20 por cento, um índice mais baixo do que os mais pobres países do continente africano, como Uganda, Tânger e Etiópia. O Rio Grande do Norte era um dos mais pobres Estados do País, com uma renda per capita de menos de Cr\$ 10 mil anuais.

A revolução cultural pretendida ambicionava devolver ao Estado os índices de escolarização atingidos pelo Rio Grande do Norte entre os anos de 1916 e 1926, "que caíram com a crise econômica do advento da revolução de 1930". Para dar a descolada, o presidente João Goulart, em outubro de 1962, recomendou ao ministro Celso Furtado a aprovação do "Plano de Educação do Rio Grande do Norte" pela SUDENE, que previa investimentos de 3 bilhões de cruzeiros em três anos, período em que se "faria mais do que não se fez em três séculos", através de convênio com Aliança para o Progresso, USAID-MEC e Governo do Estado.

A aplicação do Método Paulo Freire em Angicos, idéia do então secretário de Educação, jornalista Calazans Fernandes, estava no bojo dessa revolução educacional que, entre outros aspectos, previa um programa de seleção, treinamento e formação de professores primários; restauração da rede escolar primária, construção de mais 1.000 novas salas de aula, prestação de assistência alimentar, médica e odontológica a todas as crianças matriculadas e, por último, "desenvolvimento de uma campanha de alfabetização de adultos que liberte mais de 100 mil norte-rio-grandenses do analfabetismo".

O treinamento

Jovem estudante da Faculdade de Direito de Natal, Walkíria Félix da Silva foi uma das seiscentas pessoas que se apresentaram como voluntárias para ensinar em Angicos. Os selecionados foram apenas dezoito. Um dos requisitos básicos para a sele-

ção de monitores era que o candidato tivesse um mínimo de embasamento cultural e ideológico. A experiência seria árdua e pioneira.

Com 21 anos de idade, Walkíria já cursava o 4º ano de Direito. Atuante na política estudantil e universitária, ao lado de colegas esquerdistas e cristãos da Juventude Universitária Católica-JUC, da qual não fazia parte.

Ela participou do treinamento realizado no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, com Paulo Freire dando aulas sobre a filosofia do seu método e a profa. Waldenice, assessora do SEC, sobre a sua metodologia. Lá, Walkíria e mais alguns estudantes potiguares ficaram sabendo da experiência embrionária de Olengarina, Olinda. Em seguida, participou das pesquisas sociológicas em Angicos, em novembro-dezembro de 1962.

—"Todos os dados das pesquisas foram trabalhados pela equipe de Paulo Freire. Foram eles que construíram todo o material didático da experiência: eslaides, desenhos, fichas com famílias de sílabas, etc. Com esse material trabalhamos em Angicos, pois o método é uma conscientização, mais voltado para a alfabetização de palavras; em seguida, de palavras e de famílias de palavras, e as letras eles vinham tomando conhecimento depois. Era um método muito prático e fácil com adultos. Naquela época, o Brasil estava em plena ebulição, com muitos problemas e muita abertura e, então, as pessoas tinham mais condições de falar", disse Walkíria Félix, hoje uma bem situada consultora de empresas.

O embasamento ideológico

Uma das que pegaram o microfone de um equipamento de som de uma Rural Willys, em Angicos, convocando o povo para se alistar na campanha de alfabetização de adultos e adolescentes, Walkíria lembra que a sua militância política e embasamento ideológico facilitaram a sua atividade na revolucionária experiência. Ela

estava vivendo "uma revolução cristã", como cognominou o jornalista Luiz Lobo carioca contratado pelo Governo do Estado para fazer o roteiro do filme-documentário "As 40 horas de Angicos". (.)

"Seu embasamento ideológico e militância política facilitaram as coisas para você?"

—"Ah, sim. Era necessário. Porque se não tiver isto você não faria. Algumas pessoas tinham dificuldades com o resultado de sua sala, porque era preciso preceder a alfabetização de muita conscientização. Alguns círculos, realmente, caminhavam com mais dificuldades, outros com bem mais facilidade. Houve fusões de alguns círculos por causa da evasão".

Além do caso do surdo que escreveu e, portanto, falou, Walkíria Félix da Silva não esquece o episódio de uma menina de 5 a 6 anos, chamada Neide, filha de sr. Francisco, um camponês que estava se alfabetizando na sala de Walkíria. Sr. Francisco deixou de frequentar para trabalhar na roça (já tinham caído algumas chuvas na região). A menina de colo pegou papel e lápis e assistiu todas as aulas em que o pai não pôde comparecer. Nos fins de semana, repassava para o pai as lições aprendidas. Para testar a menina, Walkíria fez uma pergunta, que foi respondida corretamente. Em alguns debates, a menina Neide pedia: "professora, deixe eu formar uma palavra (ou frase) pelo meu pai".

Quanto ao curso, o pai da menina disse "agora é ela que está me ensinando muitas coisas". (2)

.....
Notas
 1 — Cópia do documentário no arquivo da TV Universitária de Natal e no Centro de Direitos Humanos e da Memória Popular do RN.
 2 — "Diário de uma experiência" (março-1963) registra na pág. 12 que a menina chamava-se Neide e o pai Francisco. Walkíria Félix, em entrevista concedida em 08.04.92, informa que o pai era Severino, a mãe chamava-se Francisca e a menina Ivoneide.



O governador Aluízio Alves discursando no encerramento do curso preparatório das monitoras, tendo a sua direita o estudante Marcos Guerra, Coordenador do MECERN, professor Paulo Freire e o secretário Calazans Fernandes, à esquerda. Atrás de Aluízio, o então radialista Vicente de Almeida Filho. (Arq. Pedro Neves e Rosali)



Paulo Freire proferindo conferência para as monitoras que participariam da experiência de Angicos (fins de 1962). Auditório da antiga Faculdade de Filosofia de Natal. (Foto do arquivo Pedro Neves e Rosali)



Walkíria ministrando uma aula sobre a palavra geradora "Expresso", o misto que fazia o transporte coletivo das populações das regiões Central e Vale do Assu. (Arquivo Walkíria Félix)